



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## OS SEM-LAR: UMA LEITURA DO SUJEITO DESLOCADO NA OBRA QUARENTA DIAS, DE MARIA VALÉRIA REZENDE

Renata Cristina Sant'Ana - UFJF<sup>1</sup>

**Resumo:** No contexto de um mundo em movimento e em relação, tem-se um sujeito que se encontra para além dos confinamentos em seus espaços de origem, postos de frente às imprevisibilidades que esta abertura pode lhes proporcionar. Trata-se do sujeito deslocado da contemporaneidade e suas vivências identitárias marcadas por conflitos e negociações de ordem interna e externa. A luz de Edward Said (2003) e Stuart Hall (2001, 2003), busco neste trabalho apresentar uma discussão em torno das teorias críticas contemporâneas da identidade, considerando a relação sujeito/lugar e as questões sociais e culturais que subjazem e permeiam essas relações. Trata-se de uma análise da representação do sujeito deslocado em *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende (2014), obra que apresenta em sua trama uma narradora-personagem que vivencia o processo de migração interna, o que traz à baila questões envolvendo o sujeito deslocado da contemporaneidade ou do capitalismo tardio, aquele que por razões diversas apresenta-se em trânsito, cruzando fronteiras regionais, culturais e sociais. Frente a essa dinâmica e suas questões tem-se os elementos responsáveis pelos conflitos identitários gerados pela ausência do sentimento de pertença a um novo lugar, e as negociações identitárias necessárias à essa nova condição de existir em um espaço “fora do lugar”. Através deste estudo, observou-se que o objeto literário em pauta não se demite das discussões em torno da realidade que permeia a condição humana e os conflitos advindos de situações sociais que geram dispersão e mudança de vida.

**Palavras-chave:** Literatura Contemporânea – Identidade – Migração Interna

A humanidade ao longo dos séculos tem mostrado que os indivíduos, assim como as paisagens que lhe servem de cenário em cada fase de sua história, estão em contínuo movimento. Vínculos são rompidos, surgem os conflitos, os encontros e desencontros que exigem do ser humano a habilidade da reinvenção de si, como requisito necessário para garantir uma existência minimamente sã e adaptada às novas realidades. Assim, à medida que a história se faz, redesenha-se a cartografia não apenas dos territórios geográficos, mas também a das experiências individuais e coletivas. Trata-se do olhar direcionado para o lugar onde os indivíduos erguem os alicerces que lhes servirão de referência em meio

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora

ao movimento, tantas vezes caóticos, dos acontecimentos que acompanham a trajetória de cada um. Estes alicerces que embora tenham, por um lado, a solidez necessária à sustentação da existência humana, por outro, possui fragilidades que podem ameaçar desabar. Trata-se de consideramos a tradição (HALL, 2003), a herança cultural e a memória compartilhada, elementos responsáveis pela formação identitária e que são contrapostos às descontinuidades e fragmentações que acometem os sujeitos frente às dinâmicas sociais, culturais e políticas relacionadas ao tempo e ao espaço de inserção de indivíduos e de coletividades. Em relação à ideia do que seria possuir uma identidade cultural Hall (2003) diz que é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens” (HALL, 2003, p. 29).

O momento em que é rompido esse cordão umbilical que liga o indivíduo às suas origens, vem acompanhado da dor, do incômodo da falta de lugar, do ofuscamento das referências que antes eram claras, causando um impacto, muitas vezes traumático, na vida daqueles que são obrigados a migrar. Neste trabalho, que tem como propósito analisar a condição do sujeito deslocado em território nacional, busco aproximar os conflitos identitários vividos pela narradora do romance *Quarenta Dias de Maria Valéria Rezende*, das questões abordadas por alguns intelectuais da diáspora que viveram a experiência do exílio, como Stuart Hall (HALL, 2001, 2003), Paul Gilroy (GILROY, 2001) e Edward, Said (SAID, 2003), e também pelo escritor, teórico e crítico literário brasileiro, Silviano Santiago (SANTIAGO, 2016), afim de demonstrar que o deslocamento forçado, mesmo nos movimentos internos, e independente da razão que o motivou, pode desencadear o sentimento de perda e os traumas semelhantes aos causados pelo deslocamento forçado para os territórios estrangeiros.

Em suas *Reflexões sobre o Exílio*, Edward Said (2003) cita uma bela passagem em que Hugo de Sait Victor, um monge da Saxônia que viveu no século XII, diz ser “fonte de grande virtude para a mente exercitada aprender, pouco a pouco, primeiro a mudar em relação às coisas invisíveis e transitórias, de tal modo que depois ela possa deixa-las para trás completamente”. E completa afirmando que “o homem que acha doce seu torrão natal ainda é um iniciante fraco; aquele para quem todo solo é sua terra natal já é forte; mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é uma terra estrangeira.” (SAID, 2003, p. 58). Esta passagem remete à imperfeição (aos olhos do monge saxão) de Alice (narradora-personagem do romance a ser analisado), e de tantos outros expatriados, inclusive os que

como ela, sentem-se expatriados no próprio território, por terem se deslocado involuntariamente da região de origem, e não conseguiram se desvencilhar do forte apego, do sentimento e da memória que guardam da terra natal. São eles indivíduos que experimentam a desordem identitária causada pela perda das referências culturais, em decorrência da ausência da terra natal e da obrigatoriedade da permanência nos espaços alheios e estranhos.

O romance *Quarenta Dias* (REZENDE, 2014) é uma narrativa que trata da perda de nossas referências, quando a vida nos obriga a mudar, a desprender de coisas que consideradas importantes na vida dos indivíduos. E por tratar de perdas, trata também da procura por algo que faça a vida se mover. Em meio a essa procura, Alice se lança solitária pelas ruas de cidade desconhecida de Porto Alegre, onde se perde, se encontra, se transforma e não se conforma. O movimento de Alice é um grito de uma mulher que não se adequa aos enquadramentos que lhe são impostos pela filha, personagem simbólico de elementos controladores, que submetem a vontade e a liberdade humana aos padrões impostos por uma sociedade uniformizadora de desejos e valores, que podem naturalmente ser diferentes na concepção dos seres humanos.

A imprevisibilidade do fato que acomete Alice e a leva a mudar de cidade, juntamente com a percepção dos valores que ela considera distorcidos para nortear a nova vida que lhe foi imposta, leva a narradora-personagem à beira da loucura, na medida em que ela sente perder-se de si mesma, mergulhada no abismo da ausência do sentimento de pertença àquele novo espaço geográfico, social e cultural. Perdida de si ela perambula e vai ao extremo do abandono de si mesma ao se lançar nas ruas da cidade, onde vivencia o despego absoluto das coisas materiais, das pessoas, da casa, em uma circunstância que acaba se aproximando de um caminho paradoxal em que ela se perde ao mesmo tempo em que procura se encontrar.

## **DIÁSPORA MODERNA E A RELAÇÃO SUJEITO/LUGAR NO PROCESSO IDENTITÁRIO**

A experiência involuntária da migração se relaciona à dinâmica da dispersão de indivíduos ou de grupos de cidadãos em consequência de perseguições e/ou conflitos políticos, religiosos, étnicos, dentre outros. A este movimento atribui-se tradicionalmente o sentido do vocábulo diáspora, que segundo Silvano Santiago (2016), em seu ensaio

*Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolitismo do pobre*<sup>2</sup> necessita ser repensado em sua herança crítica, isto porque “ se questionada a delimitação de sentido, descobrir-se-á que seu manto semântico tornou-se inadequado nos dias de hoje” (SANTIAGO, 2016, p. 15). Para o teórico e crítico brasileiro, o sentido tradicionalmente atribuído ao termo diáspora não é mais capaz de abarcar as movimentos contemporâneos como por exemplo, aquilo que ele irá denominar de “dispersão anárquica”, ou seja, o deslocamento de indivíduos e grupos de familiares que decidem migrar de uma região para outra, não necessariamente por razões de perseguição política ou preconceito, e sim por estarem a procura de melhores condições de vida nas regiões mais desenvolvidas do mundo ocidental. Assim, o termo diáspora se expande para além do movimento involuntário que tradicionalmente o caracteriza. No ensaio acima mencionado, Silviano Santiago lista dez observações de caráter metodológico (sobre o conceito de diáspora) que lhe deram a garantia de que poderia criar a categoria analítica de “Cosmopolitismo do Pobre”<sup>3</sup> e estabelece um contraponto entre a dispersão anárquica (movimento voluntário) e a dispersão por preconceito e perseguição (movimento involuntário). Em suas elaborações Silviano Santiago parte das considerações de Stuart Hall sobre a diáspora afro-caribenha e de Octávio Paz sobre o imigrante mexicano na América do Norte, mais especificamente o *pachuco*, que “é ao mesmo tempo, malandro, dândi e sedutor. Um desterrado às avessas, vítimas do racismo ianque” (SANTIAGO, 2016, p. 20). Santiago demonstra em seu ensaio que o exílio voluntário “põe abaixo a proclamada eficiência do desenvolvimento nacional e, silenciosamente, conclama os cidadãos letrados à crítica contundente e corrosiva, ao fracasso civilizacional e/ou governamental do país natal abandonado” (Idem, p. 20). A ideia que o teórico aponta em suas colocações sobre à diáspora moderna, diz respeito ao fracasso do Estado-Nação originário (colonizadores, metrópoles do primeiro mundo) no processo de assistência (trabalho, saúde, educação etc) a todo e qualquer cidadão sob sua jurisdição. Para ele, é este ponto que se situa a crítica anárquica e radical que vem embutida na viagem dos indivíduos e dos grupos de pessoas que decidem migrar para as metrópoles mais desenvolvidas, em busca de melhores condições de vida. O autor afirma que “o fracasso maior do sistema internacional, no entanto, deve recair nos dias de hoje sobre o mundo globalizado”

---

<sup>2</sup> Palestra originalmente apresentada na Universidade Nova de Lisboa, durante o Simpósio “Fronteiras, cosmopolitismo e nação nos mundos ibéricos e ibero-americanos”, 2022 de abril de 2015.2  
Organização de Maria Fernanda de Abreu e Renato Cordeiro Gomes.

<sup>3</sup> SANTIAGO, Silviano. O Cosmopolitismo do Pobre: crítica literária e crítica cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004

(SANTIAGO, 2017, p. 21) e que “a visada crítica proposta pela análise do migrante moderno é, pois, desconstrutora do eurocentrismo. (idem, p.21).

Por globalização entende-se um complexo de processos e forças de mudança, que segundo Stuart Hall (2001) atuam numa escala global, atravessando fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo que surtem seus efeitos sobre as identidades culturais. Dentre estes efeitos está o surgimento de novas identidade - as identidades híbridas. Para Stuart Hall, a globalização tem o efeito de “contestar e deslocar as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas” (HALL, 2001, p. 87). Frente a esta condição, não é mais possível situar o sujeito deslocado da modernidade tardia em espaços culturalmente puros, na ilusão de que aquilo que outrora era tido como sua identidade nacional, mantenha-se ainda de forma inalterada, sob um invólucro capaz de isolá-lo das interferências externas, das trocas e das misturas inevitáveis em um mundo globalizado.

Nesta seção em que trato da diáspora como elemento introdutório para a reflexão seguida da análise literária que apresentarei mais adiante, recorro ao pensamento empreendido por Paul Gilroy (2001) sobre a diáspora negra afim de uma melhor elucidação deste conceito e suas implicações políticas. O modelo do Atlântico Negro proposto por Gilroy apresenta as culturas negras e suas “formas estéticas e contra-estéticas, sua distinta dramaturgia da recordação que caracteristicamente separam genealogia de geografia, e o ato de lidar com o de pertencer” (GILROY, 2001, p. 13).

O trabalho de Gilroy apresenta o surgimento da contracultura negra como resultado da consciência histórica do sujeito diaspórico frente ao resgate de sua memória para a construção da intercultura da diáspora, e sua estruturação política. Para ele “a ideia de diáspora se tornou agora integral a este empreendimento político, histórico e filosófico descentrado, ou mais precisamente, multi-centrado”. (idem, p. 17). De acordo com Gilroy, a discussão contemporânea sobre o conceito de diáspora surge como uma resposta mais ou menos direta aos ganhos trans-locais advindos do movimento Black Power durante a Guerra Fria. A teoria baseada na noção de diáspora por ele defendida é crítica e contrária ao poder coercitivo e autoritário da unanimidade racial, ao absolutismo étnico e às concepções totalitárias e até mesmo fascistas sobre a comunidade política, pois para ele, a diáspora surge como um conceito oposto ao da metafísica da “raça”, da nação e de uma cultura territorial fechada. Trata-se de algo que ativamente perturba a mecânica

cultural e histórica do pertencimento, na medida em que se rompem os laços entre lugar, posição e consciência e portanto, rompe-se também o poder fundamental do território na formação da identidade do sujeito e das coletividades, que por sua vez, poderão também ser rompida. A diáspora desafia o “mito do renascimento nacional” e sua propensão não nacional é ampliada quando o conceito se apoia em relatos anti-essencialistas da formação de identidade como processo histórico e político, afastando-se assim da ideia de identidades primordiais que se estabelecem supostamente tanto pela cultura (única) como pela natureza (biológica).

Segundo o autor, os povos da diáspora reconheceram que os efeitos do deslocamento espacial tornavam o retorno à origem algo inacessível e irrelevante, na medida em que a história não voltaria mais atrás para reparar os erros e as perdas. Nesse sentido, o pensamento de Gilroy encontra o de outro intelectual de origem diaspórica – o jamaicano Stuart Hall (2003), ao dizer que “os momentos de independência e pós-colonial são momentos de luta cultural, de revisão e de reapropriação. Contudo, essa reconfiguração não pode ser representada como uma ‘volta ao lugar onde estávamos antes’, já que, ‘sempre existe algo no meio’” (HALL, 2003, p. 34).

O retorno ao local de origem, visto por esse ângulo, torna-se impossível, no sentido de que o processo de deslocamento é atravessado por diferentes fios que compõem uma malha final multicultural e híbrida, produzida através de entrecosques culturais que deixam marcas de que houve um contato, e este, por sua vez deixou vestígios que passaram a fazer parte da identidade do sujeito e das coletividades.

Em relação ao conceito de espaço, Gilroy diz que ele é transformado a partir do momento em que passa a ser compreendido como um “circuito comunicativo que capacitou as populações dispersas a conversar, a interagir e a sincronizar significativos elemento de suas vidas culturais e sociais” (GILROY, 2001, p. 21). Assim, sua concepção de diáspora é distinta porque enxerga a relação não como uma via mão de única, mas como algo mais, que implica em trocas e negociações, resultando em sempre no surgimento de elementos imprevisíveis e não planejados, oriundos de fontes as mais diversas. Sua ideia-chave da diáspora consiste em “não ver a ‘raça’, e sim formas geopolíticas de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (idem, p. 25).

Conforme podemos ver, no contexto de mundo em movimento e em relação não há mais espaço para enraizamentos, embora ainda haja brutal resistência ao Diverso, seja

por meio do fechamento das fronteiras para aqueles que não desistem de ter esperança e se arriscam na tentativa de adentrar outro país, seja pela intolerância demonstrada através dos ataques de grupos fundamentalistas, como nos têm mostrado as páginas dos jornais. De todo modo a dinâmica do deslocamento não cessa, tenha a dispersão o caráter anárquico voluntário, ou seja ela forçada pelos conflitos ou outros agravantes que impeçam o indivíduo de permanecer na sua terra natal.

## **RUMO AO TERRITÓRIO DA EXPERIÊNCIA**

No contexto de um mundo em movimento e em relação, tem-se um sujeito que se encontra para além dos confinamentos em seus espaços de origem, postos de frente às imprevisibilidades que esta abertura pode lhes proporcionar. Trata-se do sujeito deslocado da contemporaneidade e suas vivências identitárias marcadas por conflitos e negociações de ordem interna e/ou externa. Em *Quarenta Dias*, a narradora-personagem apresenta seu drama vivido, sua percepção do lugar de origem e sua dificuldade em se ver distante do lar, como um sujeito fora de lugar, semelhantemente aos indivíduos que vivenciam o exílio, sendo ele voluntário ou não. A obra narra a peregrinação de Alice pelas ruas de uma cidade estranha, habitada por pessoas desconhecidas, vivenciando situações impensadas, que não constavam no script da vida comum de uma mulher já madura, mãe, cujo marido desapareceu no período da ditadura militar e professora, fixada no território seguro do seu lar na cidade de João Pessoa. Um lugar construído no dia-a-dia de sua história, em que a cada despertar, paredes de um interior sentimental eram erguidas em um ciclo que a cada amanhecer uma janela se abria deixando entrar a claridade e o ar sempre renovado. Ali dentro, uma vida em gestação natural e contínua pulsava, fazia fluir o trabalho, suavizava o cansaço das agitações do mundo lá fora. Ali dentro, um sustento de si para alimentar o encontro com os outros, os parentes, os amigos, os conhecidos, aqueles ali de perto, que também entravam e saíam de suas casas para o convívio já tão familiar, mantido ao longo dos anos naquele mesmo lugar. Neste espaço construído ao longo de sua vida, Alice também se construiu, se ergueu, se cobriu nos momentos em que a vida pedia proteção, se abriu para o renascer de cada dia fazendo cumprir o ciclo cotidiano de sua existência. O marido desaparecido pra sempre, a filha já casada e vivendo do outro lado do país, no Rio Grande do Sul, da forma como normalmente seguem os acontecimentos comuns da vida de cada pessoa:

(...)eu não havia de largar tudo o que custei tanto a conquistar, meus velhos amigos, os alunos que se tornavam novos amigos, a praia, o Atlântico todinho na minha frente, planos de viagens e atividades que tinha tido de adiar até então, mas ainda em tempo de realizar, uma vida que eu considerava feliz, apesar das cicatrizes. (REZENDE, 2014, p. 27).

Alice vivia ali, vivia assim, tudo em sua ordem e era o que a ela bastava. Porém, Norinha, sua filha que vivia no Sul do país, obcecada pelo desejo de se tornar mãe, insistia e contava com a ajuda de sua mãe Alice para auxiliá-la nos cuidados com a criança, de modo a não ter que abrir mão de sua carreira profissional. Para realização do desejo da filha, Alice teria que se tornar avó, uma avó cuidadora, em uma nova cidade, uma nova casa, nova rotina e novos convívios. Entretanto, Alice, definitivamente, não estava disposta a mudar. Alice não sonhava em se tornar avó e nem em se mudar para Porto Alegre, mas deu-se que, sob forte insistência e chantagens emocionais, Alice resistiu enquanto teve força, mas acabou sendo vencida pelo cansaço e viu-se sucumbir à pressão da filha, vindo então a migrar para o sul:

Você vai pra Porto Alegre, sim, e não se discute mais isso, todo mundo vê que é o melhor, é sua obrigação acompanhar sua filha única, só você é que não aceita, parece um jumento empacado na lama, continuar com umas besteiras desses. Eu cedi, vergonhosamente. Foi isso. O resto é consequência. (REZENDE, 2014, p.34)

Começou então o processo de desconstrução da solidez de um modo de viver que de uma só vez foi deixado para trás. Alice foi-se embora deixando para trás muito de si. Muitas coisas se perderam dela em meio ao percurso da viagem, outras poucas, Alice conseguiu salvar:

Enquanto ali se desmontava minha cabeça, minha casa, minha vida, cá no Sul, Norinha montava, à maneira dela, ao gosto dela, o que eu havia de ter e ser no futuro próximo. (...) Vida nova!, essa velharia fica toda aqui e a senhora embarca comigo no fim de julho. (REZENDE, 2014, p. 37)

Alice, a narradora-personagem, vivencia a angústia do desterro em território nacional e experimenta o sentimento do exílio descrito por Edward Said (2003), ao afirmar que (o exílio) trata-se de “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46).

Alice parece não acreditar na possibilidade do retorno, visto que, em nenhum momento da narrativa é apresentado sequer indícios de que um dia isso possa vir a

ocorrer. A esse respeito Said diz que “o páthos do exílio está na perda de contato com a solidez e a sofisticação da terra: voltar para o lar está fora de questão” (SAID, 2003, p. 52). Alice parece vivenciar o mesmo sentimento daqueles que sofreram o deslocamento forçado por motivos de preconceito, perseguição, conflitos políticos, étnicos ou religiosos que geram a dispersão que caracteriza a diáspora tradicional, embora sua mudança para do nordeste para o sul, tenha sido meticulosamente planejada e preparada por sua própria filha, em função de sua vontade particular - “(...) a revolta roendo minha vontade, incapaz sequer de abrir o livro que trazia na bolsa, o reembarque em outro avião, primeiros passos da travessia de minha primeira vida a outra vida, que eu não queria” (Idem, p. 38-39).

Para Stuart Hall (2003), numa forma sincrética, os elementos nunca estabelecem uma relação de igualdade, e sim, são sempre inscritos diferentemente pelas relações de poder. Dessa relação, quase sempre de subordinação e dependência, nascem os conflitos identitários e culturais do sujeito e das coletividades. No caso do objeto literário, foco desta análise, o que se percebe é um embate de forças conflitantes entre mãe e filha, vontade que se confrontam como em um campo de batalhas, como ilustra a passagem em que Alice diz: – “ Que remédio senão obedecer? Eu já estava pegando o jeito de me comportar como filha da minha filha” (REZENDE, 2014, p. 74). Norinha, a filha, alcança o seu domínio no momento em que consegue convencer (ou forçar?) a mãe a se mudar em função de seu interesse particular. Alice, a mãe, sente a angústia de ter sido dominada, e ter que viver sob controle da filha, em um lugar totalmente estranho e fora do seu mundo. Alice irá viver o seu exílio, “um estado de ser descontínuo, separado das raízes, da terra natal, do passado” (SAID, 2003, p. 50)

De acordo com Hall, a história mostra que os processos de deslocamento forçado já ocorridos, e que caracterizam a diáspora tradicional, são, de modo geral, violentos e traumáticos. Sobre a sociedade caribenha, por exemplo, Hall afirma que “em vez de um pacto de associação civil lentamente desenvolvido, tão central ao discurso liberal da modernidade ocidental, nossa ‘associação civil’ foi inaugurada por um ato de vontade imperial (HALL, 2003, p.30).

No romance *Quarenta Dias* temos na figura de Norinha, filha de Alice, um símbolo da violência gerada pela vontade imperial. O que significa a imposição da filha, e suas traquinagens para realizar a ruptura de sua mãe com seu lugar de origem, senão o exercício da dominação? Como estratégia de resistência ao processo de dominação a que se viu submetida e frente a dor de ter tido sua vida recortada, Alice faz do mergulho no

submundo das ruas e de seu esforço para encontrar Cícero Araújo - um nordestino que foi para Porto Alegre, e que ela fica sabendo que a mãe, lá em João Pessoa, nunca mais teve notícia - um caminho para a busca e para o reencontro consigo mesma. Sem saber ao certo se Cícero ainda vivia em Porto Alegre, incumbiu-se da tarefa de encontrá-lo, e fez desta procura o seu modo de conseguir superar o trauma de ter tido sua vida rompida:

Um rumo vago. Que eu seguiria se quisesse. Talvez tenha sido o nome estranho do lugar que me despertou da letargia. Talvez, tenha sido, sem que eu percebesse, a dor da outra mãe tomando o lugar da minha, um alívio esquisito, uma distração, e eu quis, sim, sair por aí, à toa, por ruas que não conheço atrás do rastro borrado de alguém que eu nunca vi. (REZENDE, 2014, p. 92)

Ao longo de sua busca pelo rapaz, Alice se entrega às ruas vivendo um processo que a transforma em moradora de rua. Ao acompanhar o vagar perdido da ex-professora que se transforma em andarilha, nos indagamos se é por Cícero mesmo que Alice está a procura. Afinal, qual o sentido em se perder pelas ruas de Porto Alegre, solitária, exposta aos perigos da violência urbana, ao frio da noite, à pouca comida, às dificuldades para manter a higiene pessoal, e todas as formas de escassez a que são submetidas as pessoas em situação de rua?

Alice, na verdade, parece ter se perdido antes, dentro das paredes frágeis do (des)afeto da filha e debaixo daquele teto impessoal e pré-fabricado do apartamento onde havia sido alojada. Assim, saiu a perder-se na esperança, talvez inconsciente, de que através da procura por Cícero, viesse, quem sabe, a encontrar-se. Pelas janelas do seu interior Alice lançou-se nas ruas e viveu quarenta dias como andarilha pelos subúrbios não só da cidade, mas pelos subúrbios da sua existência. Entregou-se ao lugar nenhum que é o lugar estranho, sem ninguém, com o pouco dinheiro que possui e que logo acaba, sem contato com os seus “de casa”, e assim, vivencia sua transformação gradativa em habitante das ruas de Porto Alegre:

Continuei por semanas minha romaria pelo avesso da cidade, explorando livremente todas as brechas quase invisíveis pra quem vive na superfície, pra cá e pra lá, as vezes à tona e de novo pro fundo, rodoviária, vilas, sebos, e briqueiros, alojamentos, pronto socorro, portas de igrejas, de terreiros de camdomblé, procurando meus iguais, por baixo dos viadutos, das pontes do arroio Dilúvio, nas madrugadas, sobreviventes, sesteando nas praças e jardins, debaixo dos arcos e marquises, sob as cobertas das paradas de ônibus desertas, vendo o mundo debaixo pra cima, dos passantes, apenas os pés. (REZENDE, 2014, p. 235)

As pessoas que vivem na rua, não nasceram lá, elas chegaram lá, por motivos diversos, passaram por mudanças, sofreram as mesmas transformações vividas e narradas por Alice. Nas ruas uma identidade nova se cria, e porque não dizer que uma cultura nova se constrói? E isso atestaria o que Stuart Hall diz a respeito da cultura, que se trata de uma produção. “Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 43).

Assim, em meio a um caminho perdido é que Alice reencontra a vida, que senão é a que deixou na Paraíba, é a vida de outros, que, como ela, também perambulavam perdidos e solitários pelas ruas da cidade. Ao dar-se conta de sua condição de “sem lugar”, Alice aos poucos vai encontrando seus novos “iguais” e deles vai se aproximando, criando algum tipo de vínculo, se é que sua condição momentânea narrada na obra, permiti-nos falar em vínculos. O fato é que dá-se o encontro com outras pessoas em condições semelhantes à sua, o que mais uma vez aproxima Alice da condição do exilado, no sentido de ela passa a nutrir “um sentimento exagerado de solidariedade de grupos e uma hostilidade exaltada em relação aos de fora do grupo” (SAID, 2003, p. 51).

Stuart Hall (2003) demonstra que o processo de formação cultural ocorrido a partir da globalização, do domínio do capital, dos fluxos culturais e tecnológicos, ameaça subjugar as diferentes culturas do mundo, impondo uma cultura homogênea, representada na obra de Maria Valéria Rezende pelo apartamento moderno e impessoal encomendado pela filha para ser o novo “lar” da sua mãe. Opondo-se a essa situação está o processo de disseminar a diferença cultural, papel desempenhado pela personagem Alice através dos traços de sua personalidade crítica, que, embora, vencida pela vontade dominadora da filha, não se rende a uma vida artificialmente produzida para ser vendida por uns e comprada por outros, em uma complexa relação de interesses presente nos segmentos da sociedade, não se excluindo o segmento familiar, como comprova a narrativa em questão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observou-se por meio da análise realizada que os discursos produzidos nos interstícios da experiência social, revelam o forte sentimento de pertença à terra natal, expresso na angústia vivida pela narradora do romance, e que, no momento em o vínculo com o lugar foi rompido, deu-se início o processo traumático da crise identitária seguido de uma mudança imprevisível no modo de ser e de viver do sujeito em questão. Por outro

lado, revelou-se, paradoxalmente, a partir de um novo tempo e novo espaço da narrativa, que seria o da experiência da vida nas ruas, a pertença nômade como condição identitária do sujeito deslocado representado na obra – transitando por espaços indefinidos, híbridos e transformadores.

A importância do estudo sobre deslocamentos de indivíduos e coletividades para se pensar o mundo contemporâneo e seus processos de mistura cultural, mostra o esforço que os pensadores críticos têm realizado na compreensão dos fenômenos identitários na atualidade, dando contribuição para que possamos perceber e compreender como as experiências decorrentes destes movimentos têm inspirado as narrativas literárias do tempo presente.

Finalizo com as palavras de Edward Said, para quem o exílio jamais se configura como o estado de estar satisfeito, plácido ou seguro. O exílio é a vida fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística...

## REFERÊNCIAS

- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Tradução. Cid Knipel Moreira. São Paulo. Ed. 34, Rio de Janeiro, Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-asiáticos, 2001.
- HALL, Stuart. “Pensando a diáspora. Reflexões sobre a terra no exterior”. In: HALL, Stuart. **Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-48.
- \_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 5ª ed. – Rio de Janeiro, 2001.
- REZENDE, Maria Valéria. **Quarenta Dias**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.
- SAID, Edward W. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Tradução: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. “Deslocamentos reais e paisagens imaginárias – o cosmopolita pobre”. IN: OLIVEIRA NETO, Godofredo de, CHIARELLI, Stefania (orgs). **Falando com estranhos: o estrangeiro na literatura brasileira**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2016, p. 15-32